

# Discurso, função sujeito e ideologia no pensamento de Michel Foucault: interfaces com Michel Pêcheux

Tiago Brentam Perencini<sup>1</sup>

## Resumo

A minha escrita para o presente Dossiê visa pensar as contribuições de Michel Foucault para o campo da linguagem, tomando os conceitos de discurso, função sujeito e ideologia, estabelecendo paralelos aos mesmos conceitos utilizados por Michel Pêcheux e suas implicações para a Análise do Discurso (AD). A ideia hipotética que percorrerei é a de que o discurso no viés foucaultiano não se direciona como extensão de 'ciências da linguagem' - como a linguística, a lógica, a gramática e até mesmo a AD - mas adquire um caráter eminentemente filosófico, que não pode ser reduzido à questões científicas e epistemológicas. O procedimento de pesquisa debruça-se em uma leitura comparativa entre Foucault e Pêcheux, buscando localizar às noções de discurso, função sujeito e ideologia em ambos os pensamentos, encontrando aproximações e distanciamentos entre eles. Os resultados da discussão teórica proposta podem assim serem descritos: Pêcheux e Foucault cocriam o conceito de 'formação discursiva', mas o primeiro o relaciona diretamente à ideologia e luta de classes, enquanto discurso no viés foucaultiano não é uma produção do dito por algo ou alguém, mas o conjunto sobre o qual podem ser determinadas a dispersão do sujeito e sua descontinuidade em relação a si mesmo. Enquanto o sujeito do discurso pecheutiano é afetado pelas noções de ideologia e inconsciente, para Foucault, o sujeito é aquele que pode usar determinado enunciado em função das diferentes posições que ocupa no discurso. A ideologia para a AD de filiação francesa pecheutiana é o princípio organizador da formação discursiva, já em Foucault, um discurso não anula a sua relação com a ideologia, mas a coloca novamente em questão como formação discursiva, funcionando não como o componente do discurso, mas sim como um de seus componentes, prática discursiva entre outras práticas.

## Palavras-chave:

Michel Foucault; Discurso; Função Sujeito; Ideologia; Michel Pêcheux

## Sobre os autores:

<sup>1</sup> Tiago Brentam Perencini é Filósofo e Psicanalista. Pesquisador e Professor Adjunto da Universidade de Pernambuco (UPE), campus Garanhuns, cujo perfil de atuação é Fundamentos Antropológicos, Filosóficos e Sociológicos da Educação. Docente vinculado ao Programa de Residência Multiprofissional Integrada em Saúde Coletiva com ênfase em Agroecologia (REMISCA). Coordenador de Cultura da Universidade de Pernambuco - Garanhuns. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Filosofia (GEPEF) e do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação, Ética e Sociedade (GEPEES).

**E-mail:** [tiago.brentam@upe.br](mailto:tiago.brentam@upe.br)

**ORCID:** <https://orcid.org/0000-0001-7742-4387>

## INTRODUÇÃO

O presente artigo foi escrito tomando nota das reflexões ocorridas na **Mesa Redonda 3 - Diálogos Discursivos: aproximações e divergências entre Pêcheux, Foucault e Bakhtin**, no quinto **Encontro Regional de Linguística (ERELIN)**, sediado na Universidade de Pernambuco (UPE), campus Garanhuns, entre os dias onze a quatorze de dezembro de 2023<sup>1</sup>. A presente escrita para o **Dossiê Linguística, Pesquisa e Ensino: Diversidades teóricas e suas aplicações**, da **Revista Falange Miúda**, visa pensar as contribuições de Michel Foucault para o campo da linguagem, tomando as especificidades dos conceitos de discurso, função sujeito e ideologia, estabelecendo paralelos aos estudos de Michel Pêcheux e suas implicações. A metodologia de pesquisa incorrida para tal investigação debruça-se em uma leitura comparativa entre ambas as autorias, encontrando aproximações e distanciamentos nos usos conceituais de discurso, função sujeito e ideologia.

Michel Foucault escreve seu percurso intelectual de modo transversal, cruzando campos (d)e saberes, práticas e subjetividades, mas será preciso tomar nota de que a sua formação institucional abarca a Filosofia e Psicologia. Desde o início de meus estudos sobre o seu pensamento, quando ainda era um estudante de graduação em Filosofia, fora como se me lançasse a experimentar o aprendizado de uma nova língua. E não me refiro aqui apenas a sua tonalidade formal, com gramática, sintaxe e semântica. Aprender uma nova língua é também uma abertura para ver o mundo de outro modo, outras maneiras de o perceber, pensar e intuir.

Isso porque o pensador francês vem nos lembrar que a subjetividade é transformação, que se tornar sujeito ocorre desde o preço de não permanecermos os mesmos. Nós mudamos à medida que nos singularizamos, não paramos de mudar. Como tal, ele nos obriga a pensar: **o que estamos fazendo de nós mesmos?** Ao menos nisso os filósofos parecem indicar que o que consideramos óbvio nem sempre é tão evidente assim, e de que há certa beleza quando nos abrimos para observar sutilezas que nos passam despercebidas pelo embrutecimento de nosso olhar e escuta sobre nós, os outros e o mundo em que vivemos.

O pensamento de Michel Foucault encontra-se inserido nos estudos pós-estruturalistas da linguagem, em sua interface com a história, o sujeito, a verdade e a ciência. De modo genérico, podemos caracterizar o objetivo central de suas pesquisas como a produção da história dos diferentes modos de subjetivação do humano em nossa cultura, isto é, das diversas maneiras pelas quais fomos formados e forjamos sujeitos.

---

<sup>1</sup> Expresso o meu agradecimento aos docentes Isaac Itamar de Melo Costa (UPE - Garanhuns), André Cordeiro dos Santos (IFAL), Erasmo da Silva Ferreira (UPE - Garanhuns) e Jomson Teixeira da Silva Filho (UPE - Garanhuns) pelo rico diálogo na oportunidade.

O conceito de formação discursiva é fundamental para compreender o seu pensamento arqueológico. Aparece pela primeira vez em **As palavras e as coisas** (2002), cujo subtítulo é justamente uma arqueologia das ciências humanas, e será desenvolvido em obras posteriores, especialmente como procedimento em **A Arqueologia do saber** (2008), mas também em **A ordem do discurso** (1999). Neles, Foucault apresenta um tipo de pensamento emergente e original acerca da linguagem e discurso, que não pode ser restrito entre significante/significado, porque extrapola regras linguísticas, sintáticas e semânticas.

Em **As palavras e as coisas** (2002), Foucault analisa as formações discursivas que forneceram o objeto 'homem' para as ciências humanas a partir de conceitos emprestados das ciências biológicas emergentes no final do século XIX, como são os exemplos de 'função', 'evolução', 'normas', 'regras' e 'estrutura'. Já a partir do século XVII, a verdade tomou a forma de 'verdade do conhecimento científico', cujos pressupostos foram às ciências naturais. Sem eles, é bem provável que a ideia de humanidade teria se estruturado de maneira bem diferente do modo como a conhecemos hoje.

O problema de **A Arqueologia** é a delimitação das formações discursivas. Nesse percurso, Foucault está interessado tanto pelos procedimentos de validação dos enunciados utilizados pela comunidade científica, quanto por suas diferentes inscrições em diferentes lugares institucionais (BRANCA-ROSOFF, 2011). Será preciso considerar que o próprio conceito de 'formação discursiva' se transforma consideravelmente no curso da **A Arqueologia do saber** (1969) e em obras posteriores.

A ideia hipotética que percorrerei nesse artigo é a de que o discurso no viés foucaultiano não se direciona como extensão de "ciências da linguagem", como a linguística, lógica ou gramática, mas adquire um caráter eminentemente filosófico, que não pode ser reduzido a questões científicas e epistemológicas, embora não as exclua. Dito em outros termos, pensar com Foucault sobre a linguagem não é fazer a interpretação ou exegese do sentido lógico das coisas, a unidade de estudo não é a frase gramatical, nem a proposição lógica, nem o ato de fala da linguagem ordinária.

A filosofia não pode ser definida como ciência e disciplina, com bases conceituais e método direcionado, mas visa repensar seus pressupostos e condições de possibilidades para a emergência de cada saber. Foucault ilustra tal especificidade em **As palavras e as coisas** (2002, p. XVII):

Tal análise, como se vê, não compete à história das ideias ou das ciências: é antes um estudo que se esforça para encontrar a partir de que foram possíveis conhecimentos e teorias; segundo qual espaço de ordem se constitui o saber.

O itinerário foucaultiano não busca por fazer história das ideias, nem história das ciências, ou seja, o conhecimento não é sinônimo de progresso em direção à

objetividade e inteligibilidade representadas, em nossa época, pela ciência ou pela tecnologia.

Foucault também não exclui a ciência do itinerário do verdadeiro, mas a traduz apenas como mais uma forma de enunciar o verdadeiro e, com isso, permite-nos desconfiar do discurso da lei, da ordem e do progresso. Não estamos com ele em vias de desmerecer os avanços no território das ciências humanas, nem de discutir se as teorias são científicas, mas de não tomar a verdade como valor cognitivo, capaz de conhecer mais e melhor a realidade por meio de representações mais acuradas. Seu campo de trabalho é o da descrição das *epistemes*, da análise da possibilidade da ordem, da positividade histórica, a partir da qual um saber pôde se constituir, a partir da qual teorias e conhecimentos emergiram, reflexões e conceitos se tornaram possíveis. Indico a seguir algumas contribuições de Michel Foucault para o campo da linguagem.

## CONTRIBUIÇÕES DO PENSAMENTO DE MICHEL FOUCAULT PARA O CAMPO DA LINGUAGEM: DISCURSO E FUNÇÃO SUJEITO

Um conceito central para pensarmos a dimensão discursiva no pensamento de Michel Foucault é o de **saber**. Ele define **saber** como aquilo sobre o qual uma formação discursiva ganha condição de existência e, como tal, pode também falar (FOUCAULT, 2008). A ciência não é a continuidade, progresso e evolução de um saber. Nas palavras do próprio Foucault em **A arqueologia** (2008, p. 206):

O saber não é o canteiro epistemológico que desapareceria na ciência que o realiza. A ciência (ou o que passa por tal) localiza-se em um campo de saber e nele tem um papel, que varia conforme as diferentes formações discursivas e que se modifica de acordo com suas mutações.

O campo do saber é ao mesmo tempo teórico e prático, descritivo e normativo, analítico e regulamentar: os campos de saber não tomam por consequência o nascimento das ciências, pelo contrário, segundo Foucault, será fundamental “libertar-se de todo um jogo de noções que diversificam, cada uma à sua maneira, o tema da continuidade” (2008, p. 23) em história.

O tema da continuidade

autoriza reduzir a diferença característica de qualquer começo, para retroceder, sem interrupção, na atribuição indefinida da origem; graças a ela, as novidades podem ser isoladas sobre um fundo de permanência e seu mérito transferido para a originalidade, o gênio, a decisão própria dos indivíduos (FOUCAULT, 2008, p. 23 e 24).

Nesse sentido, a tarefa principal de uma arqueologia será “repensar a dispersão da história” (FOUCAULT, 2008, p. 23), descrever constantemente sistemas de dispersão, encontrar desde os discursos formas de regularidades que regem a dispersão dos saberes, das práticas e de nosso modo de sentir, de pensar, etc. Assim como o discurso não é produzido por algo ou alguém, a história não pode ser reduzida à cronologia, continuidade, genialidade, origem, etc.

A tarefa arqueológica consiste em encontrar a singularidade de cada acontecimento, como tal, descarta de antemão a existência de qualquer universal e procura identificar as rupturas e descontinuidades inerentes ao solo sobre o qual uma verdade foi demarcada (Perencini, 2020). Em outras palavras, Foucault deflagra que o homem não é constituinte do mundo, mas constituído por uma série de práticas discursivas, dispositivos, epistemes, etc. que permitem o movimento daquilo que nos constitui; mais constituído do que constituinte. Tal apontamento cobra de nós também o pressuposto de abdicarmos da ideia de identidade, como se existisse na humanidade certa ‘essência constitutiva’, com origem e permanência, onde somos senhores de nossos próprios atos. A identidade do sujeito não passa de uma construção histórica, temporal, datada e como tal fadada ao desaparecimento.

O ‘apagamento do eu’ é importante reflexão quando falamos do discurso em seu pensamento. Foucault coloca em xeque conceitos metafísicos como ‘consciência’ e ‘autoria’ no ato de enunciação. Isso sugere não apenas o distanciamento, mas também a problematização de dois modos hegemônicos, historicamente ocidentais, na maneira de conceber a subjetividade em relação à linguagem. Primeiro, a concepção platônica da linguagem como representação de ideias conscientes. Segundo, a centralidade do sujeito para a construção da consciência pela concepção cartesiana, como ‘eu’ todo poderoso que assume a verdade.

Sujeito e objeto não existem *a priori*, mas são fabricados desde nossas práticas discursivas, passam a existir desde aquilo que criamos sobre eles, a partir do momento em que forem constituídos por uma prática dentro de uma sociedade. O que chamamos de ‘subjetividade’ aparece como resultado de uma série de dispositivos e práticas objetivadoras que nos fundam como objeto daquilo que **pode** ser enunciado. Como tal, o sujeito para Foucault não passa de dispersão, descontinuidade, uma função vazia, que adquire diversas posições – inclusive, mas não necessariamente, a de autor!

Isso porque somos seres **na** linguagem e **no** discurso, e não seres que possuem linguagem e discurso. Ora,

O discurso, assim concebido, não é a manifestação, majestosamente desenvolvida, de um sujeito que pensa, que conhece, e que o diz: é, ao contrário, um conjunto em que podem ser determinadas a dispersão do sujeito e sua descontinuidade em relação a si mesmo (FOUCAULT, 2008, p. 61).

Dito de outro modo, nenhum objeto, conceito, método, etc. existem por si mesmos. Não há objetos preexistentes ao sistema que os colocam em jogo, pois só podem ser compreendidos mediante a uma série de outros acontecimentos.

Vejamos dois exemplos para tornar didático o que digo: a loucura e o corpo. Eles não existem em si mesmos, mas só podem ser conceituados a partir daquilo que se podem dizer deles em determinada época. Se a loucura em nosso tempo é uma doença e por isso deve ser tratada num hospital, em outra época, o louco foi considerado homem livre, era visto como aquele dentre os demais seres que pertencia à estrada, ao ar livre, e não ao confinamento do hospício.

Os loucos no mundo grego arcaico eram, antes de tudo, poetas, inventores de linguagens aos quais somente espíritos raros são capazes de acessar.

Assim, o objeto 'loucura' é obtido ao final de uma operação de identificação e montagem de um conjunto de enunciados que estavam dispersos em uma multiplicidade de domínios (que remetem às grandes instituições da sociedade: o discurso médico, jurídico, religioso, etc.) (BRANCA-ROSOFF, 2011, p.229).

O objeto de saber nomeado 'loucura' só é instituído dentro de um domínio específico, e há domínios nos quais certos objetos adquirem status científico e outros não.

Da raridade à normalização, outro exemplo ao qual podemos incorrer é nos usos dos corpos: da passagem do corpo pecador pelo teocentrismo cristão na chamada Idade Média para a emergência da patologia na modernidade, de tal modo que o corpo passa a ser visto como um conjunto de órgãos e a Medicina passa a discursivizá-lo, fabricando prazeres e dizeres sobre ele. Nas experiências de passagens, com suas descontinuidades sobre o dito, Foucault alerta-nos de que existe certa continuidade na visão moralista, que concebia o corpo profano como pecador para certa concepção científica, que também elegerá o corpo doente como culpado. Embora ocorra a mudança moral entre os discursos, do teológico para o científico, a relação com o corpo em si não se desmoraliza.

Presenciamos aqui o desapossamento da verdade e do sujeito ao papel central que lhe era atribuído pela tradição cartesiana na modernidade, como atributos da ciência. A verdade não é descoberta de cientistas, mas sim produzida histórica e socialmente. A finalidade aqui não é atingir a certeza do conhecimento, pois a verdade em si não tem um sentido cognitivo, isto é, como capacidade de conhecer mais e melhor a realidade por meio de representações mais apuradas, claras e distintas. Com isso, o pensamento foucaultiano não se volta à verdade e à falsidade das proposições científicas, ou ainda à investigação da consistência, coerência ou validade de uma teoria científica, tampouco sobre os fundamentos para todo e qualquer conhecimento.

A questão é a da produção história, concreta do saber, onde a verdade ganha um valor político e moral. Isso porque o poder só funciona a partir da aceitação de determinado regime de verdade: se é verdade, **logo** eu me inclino. Este 'logo'

não é apenas da ordem lógica, não apenas constrange os homens a seguir um regime regulatório e a reconhecê-la como verdadeiro de um ponto de vista da fundamentação de seus saberes. O 'logo' da inclinação ao verdadeiro ocorre por um constrangimento maior ainda, que é político e moral. A instituição do verdadeiro é a semiologia moral e política propiciada para constranger o sujeito a se inclinar, a obedecer.

Não é o sujeito que assume o enunciado, mas estes que o subjetivam em função das diferentes posições que o sujeito ocupa. O sujeito do discurso foucaultiano não é o sujeito da linguística, que realiza um ato de fala, autor do texto, sujeito da proposição. O sujeito é aquele que pode usar determinado enunciado em **função** da ocupação de um lugar institucional, de sua competência técnica, conforme práticas admitidas em todo um jogo do verdadeiro, como o caso do psiquiatra para diagnosticar a doença mental, do pedagogo para avaliar a aprendizagem de uma criança, ou do psicólogo para detectar comportamentos desviantes.

Com isso, não nos interessa diminuir ou desmerecer a importância no território das teorias científicas, mas admitir que elas funcionam desde um jogo mais amplo, como **políticas de verdade**. A título de exemplo, Foucault analisa em **A arqueologia do saber** (2008) o caso da Psiquiatria como novidade para o saber do século XIX. Ela nada tinha a ver com o que à época se chamava de 'males da cabeça' ou 'doenças nervosas', ou seja, havia antes da psiquiatria uma formação discursiva suscetível a descrever fragilidades da psique, mas não uma disciplina que se pudesse definir como científica.

A emergência da psiquiatria enquanto ciência exigiu uma nítida transformação de conceitos, temas, jogos de relações entre internamento, hospitalização, regras de exclusão social, ordenamento de jurisprudência, normas do trabalho industrial e da moral burguesa. Com isso, o pensador francês nos provoca a pensar que as práticas discursivas não se limitam a procedimentos com pretensão à ciência, mas também se fazem presentes nos textos jurídicos, na literatura, na filosofia, nas instâncias políticas e na vida cotidiana (ARAÚJO, 2011).

Inês Lacerda Araújo ilustra bem como a ciência é composta por um agregado de saberes, tomando a psiquiatria como exemplo, quando fornece:

para o saber um domínio de objetos (por exemplo, a vida, a gramática, a circulação das riquezas, a loucura, a psiquiatrização do sexo infantil), uma posição ao sujeito (o psiquiatra para falar dos perigos que rondam o sexo da criança), um campo de utilização para os enunciados (a saúde da família, o gerenciamento das populações, as possibilidades de uso e apropriação que o discurso favorece (raridade dos discursos de verdade, o modo como esse discurso circulam, as instituições que os acolhem ou proíbem) (2011, p. 102).

A ciência emerge de condições que se formam num campo mais amplo, o do saber de uma época. Desse modo, os elementos que ingressam na prática discursiva poderão ou não se constituir em discurso científico. Ora, pouco importa

se os resultados da psiquiatria sejam falsos ou verdadeiros, eles existem!

Desse modo, Foucault nos auxilia a pensar sobre as **condições de enunciabilidade** para as inscrições do discurso: quais são as condições de possibilidades para que enunciemos tal ou qual objeto, posições de sujeito, conceitos, estratégias teóricas... nas práticas acadêmicas, por exemplo? Falar do discurso em termos de prática e condições e possibilidades é operarmos com a verdade em outros registros.

Não podemos falar em termos de verdades, ideologia, ciência ou teoria, mas partimos da ideia de que tais inscrições se tornaram práticas e campos de conhecimento desde **condições de possibilidade**. Considerando que o pensamento produz discursos e os discursos se passam verdadeiros ao longo do tempo, o arqueólogo reúne os arquivos não para buscar neles uma interpretação, mas sim para compreender as condições de possibilidades que permitiram aos sujeitos afirmarem determinado discurso que excluiu outras manifestações do verdadeiro. Analisar os discursos – aquilo que as pessoas realmente fazem e pensam, mas sem o saber – permite descobrir a singularidade desse acontecimento.

Em essência, o objeto de análise do arqueólogo é o discurso, cujas unidades são os enunciados, que formam as práticas discursivas, que configuram uma *epistême*, a qual pertencem ao saber de uma época (ARAÚJO, 2011). De um ponto de vista procedimental, Foucault entende que os discursos operam em termos de *dispersão*, formação que não conserva em si um princípio de unidade *a priori*, estabelecido prévia e antecipadamente, como regras a serem seguidas desde um método.

A análise do discurso visa descrever essa dispersão, buscando suas ‘regras de formação’. Como afirma o próprio Foucault em citação fundamental:

No caso em que se puder descrever, em um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma **formação discursiva** – evitando, assim, palavras demasiado carregadas de condições e consequências, inadequadas, aliás, para designar semelhante dispersão, tais como ‘ciência’, ou ‘ideologia’, ou ‘teoria’, ou ‘domínio de objetividade’. Chamaremos de **regras de formação** as condições a que estão submetidos os elementos dessa repartição (objetos, modalidade de enunciação, conceitos, escolhas temáticas). As regras de formação são condições de existência (mas também de coexistência, de manutenção, de modificação e de desaparecimento) em uma dada repartição discursiva (FOUCAULT, 2008, p. 43, destaques do autor).

Para existir uma regularidade discursiva é preciso haver *regras de formação*, que em si não podem ser repetidas, mas funcionam como elementos caracterizados em sua singularidade, pela identificação de enunciados. Como tal,

as regras de formação possibilitam condições de existência, coexistência, modificações, transformações e desaparecimento de uma repartição discursiva dada (INDURSKY, 2011, p. 78).

O enunciado permite que a arqueologia não se direcione como extensão de ‘ciências da linguagem’, como a linguística, lógica, gramática ou ainda a Análise do Discurso (AD), mas adquira um caráter eminentemente filosófico, que não pode ser reduzido às questões científicas e epistemológicas, embora não as exclua. Dito em outros termos, pensar com Foucault sobre a linguagem **não** é fazer a interpretação ou exegese do sentido lógico das coisas, a unidade de estudo **não** é a frase gramatical, nem a proposição lógica, nem o ato de fala da linguagem ordinária.

É nesse espaço que um saber nomeado “Análise do discurso” foi possível, mas não podemos caracterizar uma analítica discursiva foucaultiana como disciplina acadêmica, por exemplo. Entendo que o caráter filosófico percorrido por Michel Foucault distingue a sua analítica discursiva da própria AD como disciplina. Farei agora um paralelo entre ele e Michel Pêcheux no propósito de desenvolver melhor a questão.

## PARALELOS ENTRE MICHEL PÊCHEUX E MICHEL FOUCAULT

A obra de Michel Pêcheux emerge na conjuntura dos anos 1960, sob o signo da articulação entre a linguística, o materialismo histórico e a psicanálise, sendo tal percurso progressivamente amadurecido e retificado (MALDIDIER, 1990). Denise Maldidier (1990) indica que o percurso pecheutiano passa por três grandes momentos: primeiro, o das grandes construções, no qual o autor constrói todo um dispositivo teórico de análise do discurso com base nos postulados de Louis Althusser<sup>2</sup>; depois, onde revê muitos de seus posicionamentos marxistas desde uma crítica à sociolinguística e, por último, o da aproximação a Michel Foucault, pensado como interface ao materialismo histórico dialético<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> Louis Althusser foi um mestre comum a Foucault e Pêcheux, de fundamental importância para o pensamento daquele na juventude. A diferença é que Pêcheux promove um lento e paulatino deslocamento das teses althusserianas, enquanto Foucault delas se distancia consideravelmente em sua trajetória. A lógica partidária e estrutural pouco ganha espaço em seu pensamento no curso da vida.

<sup>3</sup> Diferentes historiadores do discurso (GUILHAUMOU, 2003; MALDIDIER, 1990), bem como Courtine (1999), indicam toda uma aproximação entre a Análise do Discurso (AD) de filiação francesa na pessoa de Pêcheux em interface aos escritos foucaultianos. Paul Henry, por exemplo, demarca entre Foucault e Pêcheux “um interesse comum pela história das ciências e das ideias que pode explicar porque ambos mais do que qualquer outro autor, focalizaram o discurso” (2014, p. 38). Será preciso considerar também as aproximações do pensamento pecheutiano com a ‘nova história’ nas formulações dos *Annales*, como são o caso de Philippe Ariés, Pierre Nora e Jacques Le Goff. No Brasil, merece destaque a excelência da pesquisa de Maria Rosário Gregolin (2004), como precursora de Análise do Discurso no Brasil, que se dedica de maneira aprofundada às interações e confrontos entre os pensamentos de Foucault e Pêcheux.

Considero o pensamento arqueológico foucaultiano uma base epistemológica fundamental para o desenvolvimento da noção de formação discursiva em Michel Pêcheux, especialmente, com a redefinição de documento enquanto monumento e do enunciado como **nó em rede**, novidades do traçado arquivístico foucaultiano, que tive oportunidade de me debruçar em Perencini (2015, 2024). Dito mais especificamente, Michel Pêcheux toma o termo ‘formação discursiva’ da **A arqueologia do saber**, criticando-a desde pressupostos marxistas e procurando extrair do trabalho foucaultiano possibilidades materialistas (COURTINE, 2009).

Baronas defende certa ‘paternidade partilhada’ entre Foucault e Pêcheux, buscando oxigenar a teoria do discurso na atualidade. Segundo Baronas (2011 p. 198) o conceito de formação discursiva já se enunciara desde 1968, embora não se desenvolvesse à época. “Michel Pêcheux teria emprestado o sintagma – formação discursiva – da **A arqueologia do saber**, de Michel Foucault, para, à luz do materialismo histórico, reconfigura-lo, relacionando-o como conceito althusseriano de ideologia” (BARONAS, 2011, p. 193, destaque meu). “Somente em 1977 é que Pêcheux reordena o conceito foucaultiano de formação discursiva à análise das contradições de classe” (BARONAS, 2011, p. 199).

O conceito de formação discursiva teria sido extraído em Pêcheux da influência do paradigma marxista da **formação social** e **formação ideológica**. O seguinte trecho de Pêcheux é lapidar para entender a questão:

Falaremos de formação ideológica para caracterizar um elemento capaz de intervir como uma força que é confrontada a outras forças na conjuntura ideológica característica de uma formação social em um dado momento. Cada formação ideológica constitui, assim, um conjunto complexo de atitudes e representações que não são nem individuais nem ‘universais’, mas que se relacionam, mais ou menos diretamente, às posições de classes em conflito umas com as outras (...). As formações ideológicas assim definidas implicam, necessariamente, formações discursivas como um ou vários componentes (PÊCHEUX, 1975, reedição de 1993b, p. 148).

Nos termos apresentados por Pêcheux, o discurso não pode mais ser visto fora das condições históricas de produção. “O laço que liga as significações de um texto às suas condições sócio-históricas não é secundário, mas constitutivo das próprias significações” (PÊCHEUX, 1993b, p. 141) e se inscrevem no interior de determinadas condições de produção, definidas em relação à história das formações sociais.

A noção central de formação discursiva demarca relações entre formações ideológicas e sua existência material nas formações discursivas. Inorro à clássica citação de Pêchêux, onde o conceito de **formações discursivas** é definido:

(...) as formações ideológicas comportam, necessariamente, como um de seus componentes, uma ou mais **formações discursivas** interligadas, que determinam **aquilo que se pode e se deve dizer** (articulado sob a forma de

uma arenga, um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.) a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada (HAROCHE, HENRY, PÊCHEUX, 1971, p. 102-103, destaques do autor).

Pêcheux propõe uma teoria materialista do discurso, uma teoria da leitura que busca reconhecer a ideologia em sua realidade de linguagem. Ideologia é noção reguladora daquilo que pode e deve ser dito em termos discursivos.

Uma série de transformações sobre formação discursiva, memória e história são tematizadas especialmente em seus trabalhos desde os escritos de 1980<sup>4</sup>, donde extraio o seu pressuposto dialético fundamental: se Pêcheux leva em conta a base linguística para o desenvolvimento dos processos discursivos, indica também que todo processo discursivo se encontra inscrito numa relação ideológica fundada pela contradição. Nesses termos, Pêcheux permite-nos relacionar o discurso à sua determinação não linguística, precisamente, às condições sócio históricas como o são as classes sociais e suas construções ideológicas, que sustentam relações de hegemonia.

Como tal, toda formação discursiva mantém dependência às formações ideológicas. Sargentini sugere que

não se trata mais de pensar um exterior discursivo, mas tende-se a pensar o espaço discursivo e ideológico onde se desenvolvem as formações discursivas em função de relações de dominação, de subordinação e de contradição, abrindo, assim, o caminho para a proposição do conceito de interdiscurso e falência da homogeneidade do *corpus* (2011, p. 285).

*Corpus* é uma materialidade onde o arquivo se manifesta.

*Corpus* é uma noção fundamental para pensarmos uma teoria de formação discursiva atrelada à parte prática a ser desenvolvida na análise do discurso como seu princípio de estruturação e organização. Se antes bases ideológicas encerravam as entidades discursivas em blocos homogêneos, como o discurso 'da burguesia' ou do 'comunismo', considerando os discursos definidos *a priori* e com isso naturalizando o exterior discursivo, agora podemos melhor aproximar aquilo que pode e deve ser dito não apenas à posição dada na conjuntura social, mas também à noção de acontecimento.

Acontecimento discursivo indica um princípio de organização aberto e heterogêneo do discurso, em processo de construção, onde a materialidade do arquivo ganha vida. Isso implica que a construção de um *corpus* discursivo apenas será concluído ao final de seu procedimento analítico, que permite também uma

---

<sup>4</sup> Merece especial destaque, por exemplo, o último texto de Pêcheux, **Discurso. Estrutura ou acontecimento?**, de 1983 [1999], onde a noção de deriva ganha especial destaque como trabalho de deslocamento da estrutura para o acontecimento: "todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro (...) pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise do discurso" (1999, p. 53)

ruptura como *corpus* dado *a priori*, construído a partir dos saberes do analista. Dito de outra maneira, já que o *corpus* não é dado de antemão, permite ao analista buscar na própria materialidade do discurso um trajeto de leitura do arquivo. A leitura faz emergir sentidos, delinea a construção social do texto.

Pêcheux coloca no epicentro da teoria do discurso o conceito de sujeito discursivo. A noção de sujeito introduzida pela AD de filiação francesa (PÊCHEUX, 1997) não o retém à formas empíricas e categorias regidas por cor, classe, idade, etnia, etc. Não se trata de homogeneizar tais sujeitos a partir de grades e/ou categorias, padrões, quantificações e regulamentações dos atos de linguagens e seus movimentos de produção de sentidos. O sujeito do discurso não pode ser contornado por generalizações e tipologias, mas é afetado pela ideologia e pelo inconsciente, e isso faz dele também efeito de linguagem.

Trazendo à baila o próprio Pêcheux, podemos afirmar que “os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos de seu discurso, pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes” (1988, p. 161), ou ainda, que a constituição do indivíduo em sujeito ocorre ao preço da identificação deste com a formação discursiva que o domina. O sujeito é posição no discurso, heterogêneo, cindido como suas palavras e pode migrar de uma posição a outra; afetado pela interpelação ideológica, que sinaliza quais e como os ‘ditos’ podem ser ditos, de tal modo a passarem por naturais, óbvios e transparentes.

Não existe uma relação de naturalidade entre palavras e mundo. É a noção de ideologia que tece a trama para que certos dizeres sejam autorizados a serem tomados como próprios pelos sujeitos em determinadas condições sócio historicamente orientadas no pensamento pecheutiano. De tal maneira, a noção de ‘lugar de fala’ e das múltiplas relações de poder implicadas nesse lugar ganham visibilidade,

passível de singularidade, gestor de equívocos e furos, autor de movimentos, deslocamentos, filiações, rupturas e resistências, que é instado à condição de sujeito pela ideologia que o toma de assalto, interpelando-o em um lugar e não outro (ROMÃO, 2011, p. 149).

A ideologia para a AD de filiação francesa pecheutiana é o mecanismo que permite inferir que o sujeito não escolhe livremente o seu dizer, mas é atravessado pelas palavras alheias sob a perspectiva de que são suas, com a falsa ilusão de que controla aquilo que diz, quando na verdade é a ideologia quem autoriza o dito – de si e dos outros –. Assim, a teoria do discurso indica que as palavras não tem um sentido em si mesmas, tampouco estão em estado de dicionário, mas envolve dialeticamente regularidades e instabilidades de sentidos.

Em síntese, para Pêcheux, a ideologia é princípio organizador da formação discursiva, como aquilo que pode e deve ser dito pelo sujeito. A ideologia tem uma existência material, de tal modo que o discurso pode ser também considerado

como uma dos aparatos materiais da ideologia (COURTINE, 2009). As formações ideológicas compreendem necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias formações discursivas interligadas, que determinam o que se pode e o que se deve dizer a partir de uma posição dada em uma conjuntura. **Conjuntura** sugere o recurso a algo que excede o universo discursivo, como é o caso da luta de classe. Com isso podemos pensar que falar de discurso político implica tomar posição simultaneamente na luta de classes, uma vez que essa tomada de posição orienta a maneira de caracterizar as formas materiais concretas sobre a inserção do sujeito em luta na história.

## IDEOLOGIA EM MICHEL FOUCAULT?

O tom interrogativo como título dessa seção avança para o caráter problemático sobre a associação da noção de **ideologia** ao pensamento de Michel Foucault. A fundamental observação que faço é de que deterei considerações sobre ideologia no itinerário arqueológico foucaultiano, não evocando fases posteriores, como a genealógica ou a ética da existência, primeiro, por ser na fase arqueológica que o campo discursivo, de importância para esse **Dossiê**, é mais visivelmente focado, mas também por compreender que em fases posteriores o pensador francês se afasta decididamente sobre qualquer uso de ideologia, já que ela costuma ser comumente relacionada a um sujeito do conhecimento, ou determinada por alguma estrutura, como a econômica e a política. Ora, a noção de ideologia funciona dentro do pensamento das predicções essencialistas e identitárias, as quais um pensamento **funcional** e relacional como o foucaultiano extrapola.

Na fase arqueológica, Foucault sugere que a formação discursiva suplanta um olhar estritamente ideológico, como se a reinventasse. Para ele, noções como 'ideologia' ou 'cultura' minimizam a dimensão discursiva a favor das 'representações', fecundadas pelo imaginário do progresso e continuidade, supondo a divisão entre ciência e erro. Desse modo, o grande problema do recurso ideológico para Foucault é o seu retorno a uma antropologia da finitude, como nos apresenta em uma das últimas reflexões de **A Arqueologia**, onde ele descreve a **ideologia humanista** como aquilo que consiste:

em mascarar a crise em que estamos envolvidos há muito tempo e cujo âmbito não pára de crescer: crise em que estão comprometidas a reflexão transcendental com a qual se identificou a filosofia desde Kant; a temática da origem, da promessa do retorno pela qual evitamos a diferença de nosso presente; um pensamento antropológico que consagra todas as interrogações à questão do ser do homem, e permite evitar a análise da prática; todas as ideologias humanistas; e - enfim e sobretudo - o *status* do sujeito. É esse debate que você sonha mascarar e de que espera, creio, desviar a atenção, prosseguindo os jogos

agradáveis da gênese e do sistema, da sincronia e do devir, da relação e da causa, da estrutura e da história (FOUCAULT, 2008, p. 229).

A temática da origem, a promessa do retorno pela qual evitamos a diferença de nosso presente pela qual se confina a ideologia, que caracteriza uma ‘teoria geral do ser humano’ como lugar do pensamento antropológico (FREITAS, 2016).

Foucault entende que um dos maiores trabalhos políticos de nosso tempo presente é nos libertarmos definitivamente do humanismo e, mais particularmente, daquilo que ele veio chamar de **sono antropológico**, pelo qual a filosofia, e as ciências humanas se encontram adormecidas na contemporaneidade.

Eu diria simplesmente que houve uma espécie de sono antropológico no qual a filosofia e as ciências do homem se fascinaram, de algum modo, e se adormeceram umas às outras, e que é preciso acordar desse sono antropológico, como outrora acordou-se do sono dogmático [1965] (FOUCAULT, 2006, p. 231).

Foucault refere-se aqui a **sono antropológico** com uma dupla crítica às antropologias filosóficas contemporâneas e à própria instauração dessa temática antropológica no pensamento ocidental, ancorada na ideia do homem enquanto sujeito e objeto originário do saber, modernidade da qual ainda não saímos. Para essa compreensão humanista e antropológica, o ser humano distingue-se dos demais seres por seu atributo racional, que lhe permite ser livre e feliz. Ele aponta que, de algum modo, a filosofia kantiana e com ela o pensamento posterior restringe o filosofar a uma problemática fundante: **o que é o homem?**

O interesse do pensador francês é mostrar, por outro lado, “que o homem não passa de uma invenção recente, uma figura que não tem dois séculos, uma simples dobra do nosso saber, e que desaparecerá desde que este houver encontrado uma forma nova” (FOUCAULT, 2002, p. XXI). Ao deflagrar a morte do homem - assassino de Deus, como já havia antecipado Nietzsche - Foucault entende a necessidade de suspender modelos éticos justificados em teorias da natureza humana circunscritas na razão como valor universal. Com isso, Foucault inaugura a possibilidade de libertar a história da sua dimensão humanista, que confina o tempo à compreensão causal, continuísta, progressista, teleológica e dualista, na qual a noção de ideologia também se inscreve. Tais práticas vigoram em nossa maneira científica e institucional de pensar.

A noção de **ideologia** ganha espaço no capítulo seis de **A arqueologia do saber** (2008), Ciência e Saber, mais especificamente no item **c) saber e ideologia**. Para Foucault, a influência da ideologia sobre o discurso científico e o funcionamento ideológico das ciências pode ser pensada não em termos de estrutura ideal, tampouco sobre sua utilização técnica em uma sociedade, mas onde a ciência adquire destaque sobre o saber, estruturando alguns de seus objetos, formalizando alguns de seus conceitos, sistematizando algumas de suas

enunciações como eminentemente ‘científicas’. É sobre o saber que a ciência encontra seu lugar em uma regularidade discursiva.

Analisarei o seguinte fragmento de **A arqueologia** para melhor compreensão:

Pode-se dizer **grosso modo**, e passando por cima de qualquer mediação e especificidade, que a economia política tem um papel na sociedade capitalista, que ela serve aos interesses da classe burguesa, que foi feita por ela e para ela, que carrega, enfim, o estigma de suas origens até em seus conceitos e em sua arquitetura lógica; mas qualquer descrição mais precisa das relações entre a estrutura epistemológica da economia e sua função ideológica deverá passar pela análise da formação discursiva que lhe deu lugar e do conjunto dos objetos, conceitos e escolhas teóricas que tiveram de ser elaborados e sistematizados (FOUCAULT, 2008, p. 207 e 208, destaque do autor).

A formação discursiva amplia o campo da ordem política e/ou econômica, de tal modo que os pressupostos da ideologia venham a funcionar não como o componente do discurso, mas sim como *mais um* de seus componentes.

Isso sugere que a ideologia não exclui a cientificidade, mas que o saber não se reduz a um e a outro. “Poucos discursos deram tanto lugar à ideologia quanto o discurso clínico ou o da economia política” (FOUCAULT, 2008, p. 208), “as contradições, as lacunas, as falhas teóricas podem assinalar o funcionamento ideológico de uma ciência (ou de um discurso com pretensão científica)” (FOUCAULT, 2008, p. 208), porém, a análise de tal funcionamento deve ser feita no nível das regras da formação do próprio discurso, como composição intradiscursiva, e não como excedente ao discurso.

Nos termos foucaultianos, um discurso não anula a sua relação com a ideologia, mas a coloca novamente em questão como formação discursiva, estudando “não as contradições formais de suas proposições, mas o sistema de formação de seus objetos, tipos de enunciação, conceitos e escolhas teóricas. É retomá-la como prática entre outras práticas” (FOUCAULT, 2008, p. 208). De tal modo, a ideologia para Michel Foucault ganha existência como prática discursiva e seu funcionamento só pode ser descrito entre outras práticas; prática entre outras práticas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurei enunciar no presente artigo algumas contribuições do pensamento de Michel Foucault para o campo da linguagem, em paralelo também ao pensamento de Michel Pêcheux. Tais reflexões foram experimentadas no ERELIN e amadurecidas posteriormente, desde o próprio diálogo e debate proporcionado pela **Mesa Redonda 3 - Diálogos Discursivos: aproximações e divergências entre Pêcheux, Foucault e Bakhtin**.

O discurso para Foucault se forma de maneira regrada no interior do espaço de regularidade. A arqueologia enquanto procedimento que procura

compreender o funcionamento dos discursos que constituem as ciências humanas possibilita ao pensamento foucaultiano afastar-se de uma lógica estruturalista tributária de Ferdinand de Saussure, que toma o discurso como conjuntos de signos e elementos significantes que remeteriam a determinadas representações e conteúdos. A arqueologia é um procedimento analítico que visa a se libertar do tema antropológico e com isso se tece enquanto uma história filosófica que busca a acontecimentalização das epistemes e dos saberes que emergem e desaparecem enigmáticamente, cortados de suas raízes pela cronologia ocidental (DOSSE, 2013).

O pensamento de Foucault não opera por categorias dialéticas, antagônicas e sociológicas, numa conjuntura dada ou estruturada, determinada pelo estado de luta de classes, como condição de enunciação daquilo que pode e dever ser dito; não são eles que evocam produções de sentido para o discurso. O sujeito foucaultiano não é interpelado pela ideologia, em suas condições de (re)produção e transformação das relações dentro do sistema capitalista. A título de explicitação, não encontraremos em sua produção versões antagônicas e estruturais como discursos comunistas *versus* discursos burgueses, ou ainda uma formação discursiva promovida desde grandes materialidades, tais como domínios de religião, da moral, do direito, da política, etc. Não existe ainda a produção discursiva materializada desde mecanismos de identidade, tais como os gêneros ou classe.

Entendo que Pêcheux encontra no marxismo althusseriano, na psicanálise lacaniana e na linguística estrutural as bases para o fortalecimento da Escola Francesa de Análise do Discurso enquanto domínio de pesquisa universitária, enquanto que uma compreensão de AD no pensamento de Foucault não se sustenta enquanto 'Escola', donde se configuraria um método a ser transmitido, com regras a serem seguidas. Em meu entendimento, enquanto Pêcheux aproxima a leitura do sujeito da noção de ideologia como constituinte da formação discursiva, acreditando extrair de tal noção foucaultiana o que ela tinha de materialista e revolucionária (PÊCHEUX, 1971, 1993a, 1993b), será preciso considerar que os aparelhos ideológicos do estado não foram questão para Foucault; suas problemáticas são inteiramente outras às trazidas pelo viés marxista de Louis Althusser.

No nível prático, Foucault nunca tentou elaborar um dispositivo operacional de análise do discurso (HENRY, 2014), com isso, não se ocupa em fundar uma nova disciplina, pelo contrário, visa mostrar que nossas bases de sustentação conceitual pouco se efetivam. Essa baixa sustentação ocorre através de uma postura que desafia os postulados da ciência moderna, o que não implica recairmos em um pensamento anticientífico, mas nos obriga a escrever esgueirados para além das categorizações disciplinares nas quais fomos catequizados pelo discurso institucionalizado, que captura também a pesquisa acadêmica.

Foucault é um pensador do movimento, não da identidade, isso faz de seu

pensamento um modo filosófico de estar no mundo. A sua filosofia inventa outra língua, como flecha no coração do presente, mesmo cinquenta anos após a sua morte, pois não existe âmbito dos saberes, práticas e instituições contemporâneas em que seu pensamento não se faça sentir. Ainda que na experiência acadêmica não saibamos com clareza, estamos completamente embebidos pelos problemas contemporâneos abordados por ele. Foucault vive entre nós como presença anônima, retorna em tom impessoal, cujo regozijo se pode imaginar, já que por diversas vezes ele declarou como seria bom apagar o seu eu, como seria bom que a individualidade fosse como um rosto desenhado na areia, na beira de uma praia, que uma onda mais forte viria apagar. Eis sua presença risonha entre nós!

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, I. L. Formação discursiva como conceito chave para a arqueogenealogia de Foucault. In: *Análise de discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. 2ª ed. revisada e ampliada. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.
- BARONAS, R. L. Ainda sobre formação discursiva em Pêcheux e em Foucault. In: *Análise de discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. 2ª ed. revisada e ampliada. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.
- BRANCA-ROSOFF, Sônia. Formação discursiva: uma noção muito ambígua? In: *Análise de discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. 2ª ed. revisada e ampliada. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.
- COURTINE, Jean-Jacques. *O discurso inatingível: marxismo e linguística (1965 – 1985)*. Trad. Heloisa Monteiro Rosário, n.6, Cadernos de Tradução, Porto Alegre, 1999.
- COURTINE, Jean-Jacques. *El concepto de formación discursiva*. In: *Análise de discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. 2ª ed. revisada e ampliada. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.
- DOSSE, F. *Renascimento do acontecimento - um desafio para o historiador: entre Esfinge e Fênix*. Trad. Constancia Morel. São Paulo: Ed. Unesp, 2013.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. Aula inaugural no *Collège de France*, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, 1999.
- FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Trad. Salma Tannus Muchail. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- FOUCAULT, M. Introdução (in Binswanger) [1954]. In: *Ditos e Escritos I: Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. Trad. Vera Lucia Avellar Ribeiro; Org. Seleção de Textos Manoel Barros da Motta. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006b.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FREITAS, A. S. de Os perigos de uma ontologia política *ainda* sem cabimento ou o legado ético-espiritual de Michel Foucault, In: REZENDE, H. (org), *Michel Foucault: Política, pensamento e ação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- GREGOLIN, M. do R. *Foucault e Pêcheux na Análise do Discurso: diálogos e duelos*. São Carlos: Claraluz, 2004.

GUILHAUMOU, J. *Les historiens du discours* (textes de Michel Pêcheux choisis et présentés par). Paris, Editions des Cendres, 1990.

HAROCHE, Claudine; HENRY, Pau; PÊCHEUX, M. La sémantique et la coupure saussurienne: langue, langage, discours. *Langages*. Paris, n. 24, p. 93-106, 1971.

HENRY, P. *Os fundamentos teóricos da “Análise Automática do Discurso” de Michel Pêcheux*. In: GADET, F. et al (orgs.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp, 2014, p. 11 – 38.

INDURSKY, Freda. *Da interpelação à falha no ritual: a trajetória teórica da noção de formação discursiva*. In: *Análise de discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. 2ª ed. revisada e ampliada. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

MALDIDIER, Denise. *L'inquiétude du discours* (textes de Michel Pêcheux choisis et présentés par). Paris, Editions des Cendres, 1990.

PÊCHEUX, M. *Análise automática do discurso*. Trad. E. P. Orlandi. In: GADET, F. HAK, T. (orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. de B. S. Mariani et al. 2ª ed., p. 61-161, Campinas (SP): Editora da Unicamp, 1993a.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. Mises au point et perspectives à propos de l'analyse du discours. *Langages*, 37, 1975, p. 7-80. Edição brasileira: A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. Tradução de P.Cunha. In: GADET, F. & HAK, T. (orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 2ª ed. Trad. B. S. Mariani et al., p. 163-252, Campinas (SP): Editora da Unicamp, 1993b.

PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. In: *Gestos de leitura*, Orlandi, Eni (org). Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, M. *Discurso. Estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1999.

PERENCINI, T. B. O enunciado no pensamento arqueológico de Michel Foucault. *Kínesis*, Marília-SP, v. VII, n. 15, p. 135-150, dez. 2015.

PERENCINI, T. B. A arqueologia de Michel Foucault como procedimento filosófico de pesquisa. *Humanidades & Inovação*, v. 10, p. 33-46, 2024.

PERENCINI, T. B. *Educação, filosofia e magia: uma anarqueologia do cuidado de si entre o daimon e os sonhos*. Marília/Oficina Universitária, São Paulo/Cultura Acadêmica, 2020.

ROMÃO, L. M. S. Formação discursiva e movimentos do sujeito: de como o cortador de cana é falado na mídia. In: *Análise de discurso: apontamentos para uma história*

da noção-conceito de formação discursiva. 2<sup>a</sup> ed. revisada e ampliada. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

SARGENTINI, V. M. O. A noção de formação discursiva: uma relação estreita com o *corpus* na análise do discurso. In: *Análise de discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. 2<sup>a</sup> ed. revisada e ampliada. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

# Discourse, subject function and ideology the thought of Michel Foucault: Interfaces with Michel Pêcheux

Tiago Perencini 1

## Abstract

My writing for this Dossier aims to think about Michel Foucault's contributions to the field of language, taking the concepts of discourse, subject function and ideology, establishing parallels to the same concepts used by Michel Pêcheux and their implications for Discourse Analysis (AD ). The hypothetical idea that I will cover is that the discourse in Foucault's perspective is not directed as an extension of 'language sciences' - such as linguistics, logic, grammar and even AD - but acquires an eminently philosophical character, which does not can be reduced to scientific and epistemological questions. The research procedure focuses on a comparative reading between Foucault and Pêcheux, seeking to locate the notions of discourse, subject function and ideology in both thoughts, finding similarities and distances between them. The results of the proposed theoretical discussion can be described as follows: Pêcheux and Foucault co-create the concept of 'discursive formation', but the first relates it directly to ideology and class struggle, while discourse in Foucault's perspective is not a production of what is said by something or someone, but the set over which the dispersion of the subject and its discontinuity in relation to itself can be determined. While the subject of Pecheutian discourse is affected by the notions of ideology and unconsciousness, for Foucault, the subject is the one who can use a certain statement depending on the different positions he occupies in the discourse. The ideology for AD of French Pecheutian affiliation is the organizing principle of discursive formation, whereas in Foucault, a discourse does not annul its relationship with ideology, but puts it back into question as a discursive formation, functioning not as the component of discourse, but rather as one of its components, a discursive practice among other practices.

## Keywords:

Michel Foucault; Discourse; Subject Function; Ideology; Michel Pêcheux

---